EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO CEI

SIMONE CREPALDI DE VASCONCELOS

RESUMO
A educação antirracista no Centro de Educação Infantil (CEI) tem como objetivo formar cidadãos conscientes, respeitosos e capazes de conviver em uma sociedade diversa. Essa prática vai além de combater o preconceito, buscando valorizar a história, a cultura e as identidades negras e indígenas, que muitas vezes foram invisibilizadas ao longo do tempo. Desde cedo, as crianças precisam ser estimuladas a compreender que todas as pessoas merecem igualdade de oportunidades e de reconhecimento. O CEI, enquanto espaço de cuidado e de aprendizagem, desempenha papel essencial nesse processo, pois é na infância que se constroem valores e atitudes que acompanharão a vida adulta. Trabalhar com histórias, músicas, brincadeiras e tradições afro-brasileiras e indígenas ajuda a ampliar o repertório cultural das crianças e fortalece sentimentos de pertencimento e respeito. Outro ponto importante é a formação dos profissionais que atuam na educação infantil. É fundamental que educadores sejam preparados para identificar situações de preconceito e para promover práticas pedagógicas inclusivas, acolhedoras e representativas. Isso significa rever materiais didáticos, repensar as formas de interação e garantir que todas as crianças se sintam valorizadas. Assim, a educação antirracista no CEI não é apenas um tema pontual, mas um compromisso ético, pedagógico e social. Ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática, onde a diversidade é celebrada e respeitada.
Palavras-chave: diversidade, equidade, inclusão.

INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa fundamental da vida, marcada pela formação de identidades, valores e comportamentos que acompanharão os indivíduos ao longo de sua trajetória. Nesse período, o ambiente escolar desempenha papel essencial, pois é nele que a criança convive com a diversidade, estabelece relações sociais e aprende a compreender o mundo ao seu redor. O Centro de Educação Infantil (CEI), enquanto espaço de aprendizagem e cuidado, tem responsabilidade direta na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. Nesse contexto, a educação antirracista se apresenta como um caminho indispensável para o fortalecimento da cidadania e para a superação das desigualdades históricas.

A educação antirracista no CEI não se restringe a combater manifestações explícitas de preconceito. Ela vai além, propondo práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural, que reconheçam a importância da história afro-brasileira e indígena e que promovam a igualdade de oportunidades. Trata-se de criar condições para que todas as crianças, independentemente de sua cor de pele, origem ou identidade, sejam reconhecidas, respeitadas e representadas. É também uma forma de romper com silêncios e invisibilizações que, por muito tempo, marcaram o currículo e as práticas escolares.

No Brasil, onde a população negra e indígena sofreu e ainda sofre os efeitos do racismo estrutural, a educação antirracista é uma necessidade urgente. O CEI pode e deve ser um espaço de transformação, no qual se promovem vivências que combatem o preconceito e fortalecem valores de respeito, solidariedade e justiça. Ao incluir narrativas, músicas, histórias e brincadeiras de matriz africana e indígena, a escola contribui para que essas culturas não sejam apenas lembradas em datas comemorativas, mas reconhecidas como parte integrante da formação social e cultural do país.

É na primeira infância que se desenvolve a percepção de si e do outro. A criança aprende a identificar diferenças, mas também pode aprender a respeitá-las e valorizá-las. Por isso, o CEI precisa estar atento às interações cotidianas, criando ambientes nos quais não haja espaço para estigmas, estereótipos ou exclusões. A presença de bonecas negras, livros com personagens diversos, músicas de diferentes tradições e a valorização das identidades presentes no grupo são exemplos de estratégias que contribuem para a

construção de uma prática pedagógica antirracista.

Outro ponto essencial da educação antirracista é a formação dos profissionais. Não é possível implementar uma prática verdadeiramente inclusiva sem educadores preparados para lidar com a diversidade e conscientes do seu papel social. Muitas vezes, o racismo se manifesta de forma sutil, em piadas, apelidos ou na ausência de representatividade. Cabe ao educador identificar essas situações, intervir de maneira pedagógica e garantir que todas as crianças se sintam acolhidas e respeitadas. Essa formação precisa ser contínua, promovendo reflexões e oferecendo ferramentas para que os profissionais transformem sua prática diária.

A legislação brasileira também apoia a educação antirracista. A Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, reforçando a necessidade de incluir essas temáticas no currículo desde a Educação Infantil. Essa legislação não é apenas uma exigência burocrática, mas um instrumento para corrigir desigualdades históricas e dar visibilidade às contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na construção do Brasil. Quando aplicada no CEI, essa lei ganha força, pois possibilita que desde cedo a criança tenha contato com conteúdos que promovem a valorização da diversidade.

É importante compreender que a educação antirracista não é um tema pontual ou um projeto isolado, mas um compromisso ético e pedagógico que deve estar presente em todas as práticas do CEI. Isso significa pensar o planejamento, os materiais didáticos, as atividades e até a organização dos espaços a partir de uma perspectiva que valorize a equidade e a inclusão. Ao assumir essa responsabilidade, o CEI contribui para a formação de cidadãos que reconhecem a diversidade como riqueza e que são capazes de agir contra as desigualdades.

Além disso, a educação antirracista no CEI precisa envolver a família e a comunidade. O diálogo entre escola e responsáveis é essencial para fortalecer os valores transmitidos às crianças e para ampliar o impacto das práticas pedagógicas. Quando família e escola caminham juntas, cria-se um ambiente mais coerente, no qual a criança percebe que o respeito à diversidade é um valor que atravessa todos os espaços de sua vida. Oficinas, encontros formativos e atividades culturais podem ser ferramentas importantes para aproximar os diferentes atores envolvidos nesse processo.

Por fim, é preciso destacar que a educação antirracista no CEI é uma forma de garantir o direito de todas as crianças a uma infância plena, livre de discriminação e de preconceito. Promover a igualdade não significa ignorar as diferenças, mas valorizá-las e reconhecer que cada identidade contribui para a riqueza coletiva. Ao investir em práticas antirracistas desde a primeira infância, a sociedade constrói bases mais sólidas para um futuro com mais justiça social, respeito e equidade.

Assim, esta introdução aponta a relevância da educação antirracista no CEI como parte integrante do desenvolvimento infantil. Ela não se limita a um conjunto de atividades, mas se apresenta como um compromisso político, social e pedagógico. O desafio é grande, mas os resultados podem transformar não apenas a vida das crianças, mas também a sociedade como um todo, tornando-a mais inclusiva e democrática.

DESENVOLVIMENTO

Falar de educação antirracista no Centro de Educação Infantil é reconhecer que a escola é um dos primeiros espaços em que a criança experimenta a convivência social e constrói valores fundamentais para sua formação. Nesse ambiente, cada gesto, cada escolha de material e cada interação tem potencial para fortalecer ou desconstruir preconceitos. É por isso que a educação antirracista não pode ser tratada como tema secundário ou como algo a ser trabalhado apenas em datas específicas, mas sim como parte central do currículo e da rotina pedagógica.

O racismo, no Brasil, é estrutural e se manifesta de maneiras explícitas e sutis. Muitas vezes, na infância, ele aparece em brincadeiras, apelidos, escolhas de personagens ou até mesmo na ausência de representatividade nos livros, brinquedos e materiais pedagógicos. Quando uma criança não encontra bonecas, heróis ou histórias que reflitam sua cor de pele e seus traços, ela internaliza a ideia de que sua identidade não é valorizada.

Essa invisibilidade gera impactos profundos na autoestima e no desenvolvimento emocional. O CEI, ao adotar uma postura antirracista, tem a oportunidade de transformar essa realidade, oferecendo às crianças um espaço de reconhecimento e valorização.

A prática pedagógica antirracista começa pela escuta. É preciso que os educadores observem como as crianças interagem, de que forma percebem as diferenças e quais discursos reproduzem. Muitas vezes, expressões racistas ou atitudes discriminatórias são repetidas pelas crianças sem consciência de sua gravidade, fruto do que ouvem em casa ou em outros ambientes sociais. Cabe ao educador intervir de maneira pedagógica, explicando, acolhendo e propondo novas formas de olhar para o outro. O objetivo não é punir, mas ensinar, criando condições para que as crianças aprendam a respeitar e valorizar a diversidade.

O trabalho antirracista no CEI também passa pela revisão de materiais e práticas. É fundamental garantir que livros, músicas, imagens e histórias utilizadas no cotidiano incluam personagens negros e indígenas de forma positiva e representativa. Não basta mostrar a diversidade apenas em situações de escravidão ou sofrimento; é preciso evidenciar a riqueza cultural, a força das tradições, as contribuições para a ciência, a arte e a sociedade. Quando a criança conhece heróis, rainhas, líderes e artistas negros e indígenas, ela amplia seu repertório e aprende a enxergar essas identidades de forma digna e valorizada.

Outro aspecto central é o papel do educador como exemplo. As crianças aprendem muito mais pelo que veem do que pelo que ouvem. Por isso, o comportamento do professor, suas atitudes e suas escolhas cotidianas têm enorme impacto. Um educador que respeita a diversidade, que valoriza as diferenças e que se posiciona contra situações de preconceito transmite às crianças uma mensagem poderosa. Da mesma forma, se o educador ignora ou minimiza manifestações racistas, acaba reforçando o problema. A formação continuada é, portanto, indispensável para que esses profissionais estejam preparados para identificar e enfrentar o racismo no ambiente escolar.

A legislação brasileira reforça a importância da educação antirracista. A Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e a Lei nº 11.645/2008, que incluiu também a história e cultura indígena, são marcos legais que orientam as práticas pedagógicas. No entanto, ainda existe um longo caminho entre a lei e a realidade. Muitos CEIs ainda não incorporaram de forma efetiva essas diretrizes em seus currículos. Isso exige esforço de gestores, educadores e políticas públicas, para que a educação infantil seja realmente um espaço de transformação e de respeito à diversidade.

A educação antirracista também precisa dialogar com a família. Não adianta a escola trabalhar valores de respeito e inclusão se em casa a criança vivencia discursos e práticas discriminatórias. Por isso, é fundamental criar estratégias de envolvimento da comunidade escolar, como rodas de conversa, encontros culturais, oficinas e projetos coletivos. Essa aproximação permite que os responsáveis reflitam sobre o impacto do racismo e compreendam a importância de apoiar a criança em sua construção identitária. Quando escola e família caminham juntas, a mensagem de valorização da diversidade se torna mais forte e consistente.

Outro elemento importante é o uso da arte e da cultura como ferramentas pedagógicas. Músicas, danças, histórias, artes visuais e culinária de matrizes africanas e indígenas são recursos que aproximam as crianças da diversidade de forma lúdica e significativa. Essas atividades despertam curiosidade, estimulam a criatividade e favorecem a construção de vínculos afetivos com diferentes culturas. Ao vivenciar essas experiências, a criança aprende a enxergar o outro como parte de si, fortalecendo valores de empatia e respeito.

A luta contra o racismo no CEI também está relacionada à construção da autoestima. É essencial que cada criança se reconheça como bela, capaz e digna de respeito. Isso significa valorizar diferentes tipos de cabelo, tons de pele e traços físicos. Atividades que incentivem o autocuidado, que celebrem a identidade e que mostrem a beleza da diversidade são formas de fortalecer a confiança das crianças negras e indígenas, que historicamente sofrem com a imposição de

padrões excludentes. O reconhecimento da própria identidade é um passo fundamental para que elas cresçam mais seguras e orgulhosas de quem são.

O ambiente escolar deve ser constantemente revisado para garantir que seja realmente inclusivo. Isso envolve desde a escolha das decorações e brinquedos até a maneira como são organizadas as atividades. Não é raro que práticas aparentemente simples reproduzam exclusões, como destacar sempre personagens brancos em apresentações ou adotar apenas músicas europeias em festas escolares. Essas escolhas, ainda que involuntárias, reforçam desigualdades. Ao adotar um olhar crítico, o CEI pode transformar cada detalhe em oportunidade de aprendizado e de valorização da diversidade.

A educação antirracista também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes. Quando as crianças aprendem, desde cedo, a identificar e rejeitar práticas discriminatórias, tornam-se adultos mais comprometidos com a construção de uma sociedade justa. Esse processo educativo tem impacto coletivo, pois influencia não apenas a vida individual da criança, mas também sua atuação futura na comunidade. Formar crianças que respeitam e celebram a diversidade é um investimento no futuro democrático e equitativo do país.

Além disso, é preciso compreender que a educação antirracista não beneficia apenas as crianças negras e indígenas, mas todas. Crianças brancas também precisam aprender sobre diversidade, igualdade e respeito. Esse aprendizado contribui para que cresçam menos preconceituosas e mais abertas ao convívio com diferentes realidades. Dessa forma, a educação antirracista se torna um caminho para a construção de uma sociedade onde a convivência é baseada na justiça e na solidariedade.

Outro ponto a considerar é que a educação antirracista no CEI não deve ser vista como um trabalho isolado, mas como parte de um projeto pedagógico mais amplo. Isso significa que cada área do conhecimento pode contribuir: a literatura infantil pode trazer protagonistas negros e indígenas; as ciências podem valorizar saberes tradicionais; a matemática pode incluir referências culturais diversas; e a arte pode explorar múltiplas expressões estéticas. A integração da temática em todas as áreas reforça sua importância e a torna parte orgânica do processo educativo.

A construção de uma prática antirracista exige coragem e compromisso. Muitas vezes, enfrentar o racismo significa também questionar privilégios, desconstruir visões estabelecidas e rever práticas arraigadas. Esse processo pode gerar desconfortos, mas é justamente esse movimento que possibilita a transformação. O CEI, ao assumir essa responsabilidade, não apenas educa crianças, mas também contribui para mudar mentalidades e práticas sociais mais amplas.

Por fim, é importante reforçar que a educação antirracista no CEI é um investimento no presente e no futuro. Ao garantir que as crianças cresçam em ambientes que respeitam suas identidades e celebram a diversidade, a sociedade constrói bases mais sólidas para uma convivência justa. Esse compromisso não é tarefa de um único professor ou de uma única instituição, mas de todos aqueles que acreditam na educação como ferramenta de transformação social. A infância, por ser o início da caminhada, é o momento ideal para plantar as sementes de uma sociedade verdadeiramente antirracista.

A prática antirracista na educação infantil também exige reflexão constante sobre a linguagem utilizada no cotidiano escolar. Palavras carregam significados e podem reforçar estereótipos ou preconceitos, muitas vezes de forma inconsciente. Quando os educadores se atentam à forma como se referem às crianças, às histórias que contam e aos comentários feitos durante atividades, estão criando um espaço onde a comunicação promove respeito e inclusão. Expressões carinhosas, elogios sinceros e descrições que valorizem a diversidade são instrumentos poderosos para consolidar a ideia de que todos merecem reconhecimento e respeito. Essa atenção à linguagem é especialmente importante na infância, período em que a criança ainda está construindo sua percepção sobre o mundo e sobre si mesma, absorvendo padrões que muitas vezes se tornarão referências para toda a vida.

A inclusão de rituais e práticas diárias que celebrem a diversidade também é essencial.

Atividades que explorem datas comemorativas de diferentes culturas, festividades afro-brasileiras, indígenas e de outras origens contribuem para que as crianças reconheçam e respeitem diferentes tradições. Esses momentos não devem se limitar a eventos pontuais, mas ser integrados à rotina, permitindo que a diversidade seja percebida como algo natural e presente em todos os aspectos da vida. Ao vivenciar essas experiências de forma repetida e positiva, as crianças internalizam valores de empatia, solidariedade e respeito, compreendendo que cada identidade merece reconhecimento e valorização.

O currículo do CEI precisa refletir a multiplicidade cultural do país e do mundo. Integrar narrativas, músicas, jogos e conhecimentos que respeitem a origem de cada criança contribui para a construção de uma visão de mundo mais ampla. Ao apresentar histórias protagonizadas por crianças negras, indígenas ou de outras etnias, é possível estimular a imaginação e o reconhecimento da diversidade como algo positivo e enriquecedor. Essa abordagem também favorece a construção de repertórios afetivos e cognitivos mais diversificados, fortalecendo a capacidade de compreensão da realidade e promovendo o desenvolvimento integral da criança.

É fundamental, ainda, que a educação antirracista vá além do reconhecimento superficial das diferenças. A valorização efetiva da diversidade implica abordar os impactos históricos do racismo e da exclusão social de maneira adequada à faixa etária, sem sobrecarregar a criança, mas oferecendo referências que permitam compreender que injustiças existiram e existem, e que todos têm o direito de lutar por igualdade. Esse aprendizado contribui para a formação de crianças mais críticas e conscientes, capazes de questionar preconceitos e de atuar de forma solidária em seu entorno. Ao apresentar o contexto histórico e social de forma acessível, a criança desenvolve empatia e se torna capaz de perceber a importância da justiça e da igualdade.

O uso de jogos e brincadeiras como instrumentos pedagógicos antirracistas é particularmente eficaz na educação infantil. Brincar é a principal forma de aprendizado nessa fase, e jogos que abordam a diversidade ajudam a criança a vivenciar situações de cooperação, respeito e reconhecimento do outro. Atividades lúdicas que incentivem a identificação com personagens de diferentes etnias, a resolução de conflitos de maneira justa e a valorização de habilidades individuais contribuem para que a criança internalize conceitos de igualdade e solidariedade de maneira natural e prazerosa. A ludicidade, portanto, não é apenas entretenimento, mas uma estratégia pedagógica que fortalece a consciência antirracista desde cedo.

A escuta ativa e a observação constante das interações infantis são ferramentas essenciais para o educador. Perceber de que forma as crianças expressam preconceitos, sejam eles sutis ou explícitos, permite intervenções pedagógicas pontuais, que transformam situações cotidianas em oportunidades de aprendizado. Quando uma criança reproduz um comentário racista, cabe ao professor contextualizar, explicar e propor reflexões que levem à compreensão e à mudança de comportamento. Esse processo exige paciência, empatia e persistência, pois não se trata apenas de corrigir, mas de ensinar valores que serão carregados por toda a vida.

A valorização da identidade cultural de cada criança é um eixo central da educação antirracista. Isso envolve reconhecer e celebrar os elementos que compõem a vida de cada indivíduo, como língua, tradições, músicas, comidas, histórias familiares e práticas comunitárias. Ao trazer essas experiências para o ambiente escolar, o CEI demonstra que a diversidade é respeitada e considerada um recurso enriquecedor. Crianças que se sentem reconhecidas em sua individualidade desenvolvem autoestima mais sólida e estabelecem relações sociais mais saudáveis, contribuindo para a formação de cidadãos empáticos e conscientes.

Outro ponto relevante é a formação continuada dos educadores. A educação antirracista exige conhecimento, reflexão crítica e habilidades específicas para lidar com situações diversas e complexas. Capacitar os profissionais da educação infantil para reconhecer e enfrentar o racismo, propor práticas inclusivas e valorizar a diversidade é funda-

mental para que a escola seja um espaço de transformação social. Investir na formação contínua garante que os educadores estejam preparados para lidar com novos desafios, adaptar estratégias pedagógicas e criar ambientes seguros e respeitosos para todas as crianças.

A parceria com as famílias é estratégica para consolidar práticas antirracistas. É preciso criar canais de diálogo que permitam discutir a importância da diversidade, compartilhar experiências e sensibilizar os responsáveis sobre o impacto de atitudes discriminatórias. Quando escola e família atuam de maneira integrada, o aprendizado se torna mais consistente e profundo, fortalecendo a construção identitária da criança e promovendo um ambiente social mais justo. O envolvimento da comunidade escolar também contribui para que as práticas pedagógicas reflitam a realidade cultural das crianças, garantindo que a educação seja significativa e inclusiva.

A utilização de materiais pedagógicos que representem diferentes etnias e culturas deve ser intencional e sistemática. Livros, jogos, músicas, filmes, imagens e histórias precisam incluir protagonistas negros, indígenas e de outras etnias em papéis positivos e variados. Não se trata apenas de presença simbólica, mas de garantir que as crianças encontrem referências que as ajudem a se reconhecer e a valorizar suas identidades. Essa estratégia também combate estereótipos, oferecendo modelos de comportamento, conquistas e representatividade que fortalecem a autoestima e ampliam a compreensão da diversidade.

A integração da temática antirracista em diferentes áreas do conhecimento fortalece o currículo e torna o aprendizado mais significativo. Na matemática, por exemplo, pode-se explorar padrões e histórias de diferentes culturas; nas ciências, os saberes tradicionais de povos indígenas ou africanos podem ser abordados; na literatura, protagonistas diversos fortalecem a compreensão de múltiplas realidades. A abordagem transversal reforça a ideia de que o respeito à diversidade não é apenas um tema isolado, mas uma perspectiva que permeia todas as dimensões da vida escolar, consolidando valores de empatia e justiça desde cedo.

A promoção de atividades que envolvam arte e cultura é uma ferramenta poderosa para a educação antirracista. Danças, músicas, pinturas, esculturas e culinária de diferentes culturas estimulam a criatividade e a sensibilidade das crianças, ao mesmo tempo em que fortalecem a identidade cultural. Ao vivenciar experiências estéticas e artísticas de múltiplas origens, a criança aprende a respeitar e valorizar as diferenças, percebendo a diversidade como fonte de enriquecimento e aprendizado. Essas experiências também contribuem para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional, promovendo uma educação integral.

A construção de ambientes físicos inclusivos é igualmente relevante. A organização da sala de aula, a escolha de brinquedos, livros, materiais visuais e decoração precisam refletir diversidade e valorização cultural. Cada detalhe conta: bonecos com diferentes tons de pele, imagens de famílias diversas, jogos e histórias que contemplam múltiplas realidades contribuem para que a criança perceba a diversidade como algo natural. Ambientes inclusivos fortalecem o sentimento de pertencimento, a autoestima e o respeito, criando bases sólidas para a convivência harmoniosa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo reforçam a importância da educação antirracista no contexto da Educação Infantil, reconhecendo que os primeiros anos de vida são fundamentais para a formação da identidade, da autoestima e da percepção de diversidade pelas crianças. Ao refletirmos sobre as práticas pedagógicas adotadas nos Centros de Educação Infantil, torna-se evidente que a escola não é apenas um espaço de aprendizado acadêmico, mas, sobretudo, um ambiente de socialização e construção de valores. É nesse contexto que a educação antirracista se mostra imprescindível, pois contribui para a formação de cidadãos conscientes, empáticos e comprometidos com a justiça social.

A implementação de práticas antirracistas não se restringe a momentos pontuais ou datas comemorativas, mas deve estar integrada à rotina pedagógica e ao projeto educativo das instituições. Cada atividade, cada

interação, cada material utilizado tem o potencial de reforçar ou desconstruir preconceitos. Quando a diversidade é valorizada de maneira consistente, a criança cresce percebendo que todas as identidades são importantes e merecem respeito, internalizando valores que perdurarão por toda a vida.

O papel do educador é central nesse processo. Não se trata apenas de transmitir informações, mas de atuar como exemplo de atitudes inclusivas e respeitosas. A observação cuidadosa das interações infantis, a escuta ativa e a intervenção pedagógica diante de manifestações de preconceito são estratégias essenciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica desde cedo. Além disso, a formação continuada dos profissionais garante que estejam preparados para lidar com situações complexas, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todas as crianças.

Outro ponto fundamental abordado neste estudo é a revisão dos materiais pedagógicos e do currículo. É necessário que livros, histórias, músicas, jogos e imagens incluam protagonistas e referências culturais negras, indígenas e de outras etnias de forma positiva e representativa. Não basta mostrar a diversidade em situações de sofrimento ou marginalização; é preciso evidenciar conquistas, contribuições culturais, científicas e artísticas que valorizem essas identidades. Dessa maneira, as crianças podem se reconhecer e reconhecer o outro como parte importante da sociedade, fortalecendo autoestima e senso de pertencimento.

A parceria com as famílias também se mostra essencial. O aprendizado sobre diversidade e respeito não se limita à escola; ele se consolida quando educadores e responsáveis caminham juntos, refletindo sobre práticas e discursos, compartilhando experiências e construindo uma base sólida de valores. Estratégias como rodas de conversa, encontros culturais e oficinas colaborativas permitem que as famílias compreendam a importância de apoiar a criança em sua construção identitária, potencializando os efeitos da educação antirracista.

A utilização da arte e da cultura como instrumentos pedagógicos proporciona vivências significativas que fortalecem a compreensão e valorização da diversidade. Danças, músicas, pinturas, esculturas, histórias e atividades culinárias ligadas a diferentes culturas permitem que as crianças explorem a criatividade, se conectem com outras formas de expressão e desenvolvam empatia. Essas experiências, quando sistemáticas e integradas à rotina, contribuem para que a diversidade seja percebida como algo natural e enriquecedor, e não como um tema isolado.

O desenvolvimento da autoestima é outro eixo essencial da educação antirracista. Garantir que cada criança se reconheça como capaz, bonita e digna de respeito envolve valorizar diferentes tipos de cabelo, tons de pele, traços físicos e expressões culturais. Atividades que celebrem a identidade e promovam o autocuidado ajudam a fortalecer a confiança de crianças negras, indígenas e de outras etnias historicamente marginalizadas, criando bases sólidas para a construção de uma sociedade mais equitativa.

A legislação brasileira, com a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, oferece respaldo legal para a implementação de práticas antirracistas, mas a efetivação dessas normas depende do comprometimento das instituições e dos profissionais. A distância entre o que está previsto na lei e o que é praticado diariamente ainda é significativa, e é papel dos gestores, educadores e políticas públicas reduzir essa lacuna. O CEI, ao assumir essa responsabilidade, contribui para uma mudança gradual, porém transformadora, na forma como a diversidade é vivida e reconhecida desde a infância.

A educação antirracista também é benéfica para todas as crianças, não apenas para aquelas que sofrem historicamente com o preconceito. Crianças brancas, ao serem expostas a diferentes realidades e identidades, desenvolvem empatia, tolerância e compreensão da igualdade. Essa aprendizagem precoce contribui para a formação de adultos menos preconceituosos e mais abertos à convivência com a diversidade, promovendo uma sociedade mais justa e solidária.

É importante ressaltar que a educação antirracista deve ser transversal, permeando todas as áreas do conhecimento. Na literatura, ciência, matemática, artes e nas práticas diárias, é possível integrar referências culturais diversas, oferecendo uma visão de mundo ampla e inclusiva. Ao adotar essa

abordagem, o CEI reforça a importância da diversidade como parte orgânica do processo educativo, consolidando valores que ultrapassam os muros da escola e se estendem à comunidade.

A construção de uma prática pedagógica antirracista exige coragem, reflexão e compromisso. Implica questionar práticas enraizadas, desconstruir estereótipos e revisar constantemente as escolhas cotidianas. Esse movimento pode gerar desconfortos, mas é justamente nesse processo de reflexão crítica que ocorre a transformação. O CEI, ao assumir a educação antirracista como princípio orientador, contribui para a formação de crianças mais conscientes, empáticas e comprometidas com a justiça social.

Por fim, a educação antirracista na infância representa um investimento no presente e no futuro. Ao garantir que cada criança cresça em um ambiente que respeita e valoriza sua identidade, a sociedade constrói bases sólidas para relações mais justas, inclusivas e democráticas. O CEI, como espaço de formação integral, tem o poder de plantar sementes de igualdade, empatia e respeito, impactando positivamente toda a comunidade e contribuindo para a construção de um futuro mais equitativo e humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOPES, Ana Cristina. Educação antirracista na infância: práticas e desafios. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. 3. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SILVA, Lúcia; ALMEIDA, Ricardo. Diversidade e inclusão na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2020.

SOUZA, Jussara. Educação, cultura e identidade: reflexões sobre racismo e infância. Curitiba: Editora CRV, 2017.